



José Cardoso Pires

Cantacadáveres

Toda a gente sabe: o Cantacadáveres é um abutre generoso. Empoleirado no finado, engorda-se de vaidade à custa dos elogios que lhe entoa. Inventado, protegido pelo eterno silêncio dos defuntos, para se inventar a si mesmo.

VIÚVA E muito doente, a minha mãe chamou-me à beira do leito para me pedir que a fosse representar no funeral dum amigo do meu pai. Amigo ou conhecido. Suponho que ela nunca o tinha visto sequer, mas pelo menos sabia-o de nome, Capitão Qualquer Coisa, já não me recordo. Apontou-me no anúncio necrológico que vinha no “Diário de Notícias” e mandou-me tomar nota do endereço: a casa mortuária numa igreja do Campo Santana, aberta às condolências até à meia-noite.

Com ar de gato agourento, faço ideia, apresentei-me ao sacrifício, de cartão de pêsames na mão. Salas de mortos havia três, duas de urna aberta, uma anciã e uma criancinha, e a terceira com cinco pessoas sentadas diante dum caixão fechado. Era nessa que estava o Capitão, já se sabe.

Cheguei e vi logo, às voltas pela sala, um sujeito asa de corvo com andar de passarinho que, pelo nervoso ou pelo luto, me pareceu familiar do defunto ou como tal e, muito gato, deixei-me ficar à porta, à espera de o apanhar à mão para lhe dar os sentimentos. Cabecinha leve, só penugem, o desamparado dava uma passagem em volta do caixão e perguntava a cada uma das pessoas sentadas qualquer coisa em voz baixinha. Agradecia e, nova volta, fazia o mesmo com a seguinte. Era a dor, pobre do homem, mas o mais estranho é que cada vez que ele passava por mim vinha todo em pianíssimo, a cantarolar em segredo. A cantarolar? E esta?

Vim fumar para o corredor, mas não tardou muito já o cantante enlutado estava ao pé de mim a assoprar fumo. Olhava

na direcção dos personagens sentados na sala e, como se estivesse sozinho, pôs-se a dizer que os desgraçados nem sabiam onde estavam nem se conheciam uns aos outros. “Resta saber se conheciam o falecido”, acrescentou. E depois: “Tenho dúvidas”.

Pausa longa. Fumar triste, o daquele homem (com um sussurrar de música longínqua a perpassar-lhe pela alma, juntei eu). E ele, virando-se para mim, delicadíssimo: “Queira desculpar, o senhor por acaso não é da família do Maestro?”

Maestro? Então o anúncio do jornal falava dum capitão e agora aparecia-me um maestro? O cantante enlutado esclareceu que, com efeito e realmente, se tratava dum Maestro e de nota alta, mas maestro do exército com a patente de capitão. Nunca o conhecera em vida mas sabia de fonte segura que o falecido tinha a braveza e a poesia dum Wagner e que essas coisas na tropa não se perdoam. De modo que acabara por se suicidar, não havia outro remédio.

Fiz cara de condoído; o cantante asa de corvo também, e pôs-se a considerar. Para ele não era espanto nenhum que os generais de aviário tivessem chutado o capitão suicida para fora da orquestra logo aos primeiros compassos, a mediocridade não olha a meios, e compreendia que o tivessem posto na reserva, reduzido a capi-

tão, compreendia isso e o muito mais que o tinham atirado para aquela urna que víamos acolá.

Interrompeu-se: Para aquela urna, não. Ele, peregrino com muitos anos de funerais, não tinha dúvidas de que estávamos a velar o morto errado. Um suicida jamais escapa à autópsia, explicou ele, e os seus amigos do Instituto de Medicina Legal tinham-lhe garantido que a do capitão fora adiada depois do anúncio do funeral ter sido publicado. Pela parte que lhe tocava, o enlutado cantante estava elucidado. Encontrava-se ali só para confirmar a velhacaria com que neste país se inventam mortos e, posto isto, o melhor era irmos tomar um café à leitaria da esquina.

Fomos.

Toda a gente sabe: o Cantacadáveres é um abutre generoso. Empoleirado no finado, engorda-se de vaidade à custa dos elogios que lhe entoa. Inventado, protegido pelo eterno silêncio dos defuntos, para se inventar a si mesmo.

“Mors janua vitae”, morte, porta da vida. Pois. Um Cantacadáveres que se preza segue sempre esta legenda para entrar nos caminhos da glória. Se for preciso até branqueia o morto mais abandalhado, e não se pergunte porquê. Ao fim e ao cabo, ele e a modesta Carpideira cantam ambos a mesma cantiga, um com discursos, outro com lágrimas. E com isto já me esqueci do capitão suicida e do enlutado cantante que a esta hora já devem andar de mão dada, perdidos numa pobre eternidade. ●